

Revista Mídia e Cotidiano  
ISSN: 2178-602X  
Artigo Seção Livre  
Volume 15, Número 1, jan./abr. de 2021  
Submetido em: 01/08/2020  
Aprovado em: 21/09/2020

## ***Mothers I'd like to fuck: mulheres-mães pornográficas no YouPorn***

***Mothers I'd like to fuck: pornographic mom-women on YouPorn***

***Mother I'd like to fuck: las mujeres-madres pornograficas en YouPorn***

Luiz Felipe ZAGO<sup>1</sup>  
Thanise Guerini ATOLINI<sup>2</sup>

### **Resumo**

O artigo analisa três vídeos pornográficos do *YouPorn* selecionados a partir de buscas por “milf” (ou “mães com quem eu gostaria de fazer sexo”) e “amateur” (amador). Procede à análise cultural do material, mencionando os sentidos possíveis das marcas culturalmente dispersas de corpo, feminilidade, maternidade e geração para caracterizar a *milf*. Tece considerações sobre aspectos da articulação entre pornografia e internet por meio do estímulo à visibilidade pela comunicação na internet como constituintes do consumo pornográfico *on-line*. Descreve e localiza a emergência da personagem pornográfica *milf* indicando que a personagem mulher, mãe, “mais velha” e “amadora” é uma justaposição particular de elementos mais amplos culturalmente, ligados às feminilidades e à heterossexualidade, articulados provisoriamente no interior da pornocultura midiática.

**Palavras-chave:** Corpo. Pornografia. Envelhecimento. YouPorn.

### **Abstract**

It analyzes three pornographic videos from *YouPorn* selected from searches for “milf” (or “mothers I'd like to fuck”) and “amateur”. It proceeds to cultural analysis of the material. It mentions possible meanings of the culturally dispersed marks of body, femininity, motherhood and generation to characterize the *milf*. It makes considerations about aspects of the articulation between pornography and internet by the stimulating visibility through internet communication as constituents of online pornographic consumption. Describes and locates the emergence of the *milf* pornographic character, indicating that the character of woman, mother, “older” and “amateur” is a particular juxtaposition of broader cultural elements, linked to femininities and heterosexuality, provisionally articulated within the mediatic pornoculture.

**Keywords:** Body. Pornography. Old age. YouPorn.

<sup>1</sup> Pesquisador do Grupo de Estudos em Promoção da Saúde, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Jornalista, Mestre e Doutor em Educação. E-mail: professorluizfelipezago@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4453-5982.

<sup>2</sup> Historiadora, Mestre em Educação. E-mail: thaniguerini@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4074-3189.

## Resumen

Analiza tres videos pornográficos de YouPorn seleccionados de las búsquedas de “milf” (o “madres a las que me gustaría follar”) y “amateur”. Se procede al análisis cultural del material. Menciona posibles significados de las marcas culturalmente dispersas de cuerpo, feminidad, maternidad y generación para caracterizar a la milf. Hace consideraciones sobre aspectos de la articulación entre pornografía e internet mediante la visibilidad a través de la comunicación en internet como componentes del consumo de pornografía en la web. Describe y ubica la emergencia del personaje pornográfico milf, indicando que el carácter de mujer, madre, “más vieja” y “amateur” es una yuxtaposición particular de elementos culturales más amplios, ligados a las feminidades y la heterosexualidad, articulados provisionalmente dentro de la pornocultura mediática.

**Palabras clave:** Cuerpo. Pornografía. Envejecimiento. YouPorn.

## Introdução

Este artigo analisa três vídeos publicados na plataforma de compartilhamento de conteúdos pornográficos estadunidense *YouPorn*<sup>3</sup>, classificados nos gêneros “*milf*” (abreviação de *mother I’d like to fuck*, cuja tradução livre para o português seria “mãe com quem eu gostaria de fazer sexo”) e “*amateur*” (amador). Entre os vídeos encontrados, foram selecionados aqueles que apresentavam algum elemento explicitamente pedagógico em suas narrativas, como a palavra “*teach*” (“ensinar”) em seus títulos<sup>4</sup>. O gênero amador é composto por produções cotidianas, caseiras, marcadas por uma estética diferente da dos filmes produzidos pela indústria pornográfica, produzidos por usuários que não são celebridades da cultura midiática<sup>5</sup>. Entre esses, nos interessou mais particularmente aqueles vídeos nos quais as protagonistas são mulheres autodeclaradas *milf*. Essas mulheres “mães” têm a característica, nesse gênero pornográfico específico, de terem experiência sexual e corpos que exibem as marcas das suas idades, conforme descreveremos a seguir.

<sup>3</sup> Disponível em [www.youporn.com](http://www.youporn.com). É um dos *sites* que compõem o portal *PornHub*.

<sup>4</sup> Este é um produto parcial de pesquisa de Mestrado em Educação, mais ampla e abrangente, que procurou articular o conceito de “pedagogias de gênero” e “pornografia”, razão que justifica esse critério (cf. ZAGO; ATOLINI, 2020).

<sup>5</sup> Não é nosso objetivo discutir as ambiguidades do gênero “amador” na pornografia. Procuramos abordar mais centralmente a personagem pornográfica *milf*. Entretanto, destacamos que, ao estabelecer a categoria *amateur* como um critério de seleção, é impossível afirmar que os vídeos não pertençam à indústria pornográfica, constituindo-se mais em uma linguagem estética do que num gênero definido. Salientamos que são os próprios usuários que classificam e marcam os conteúdos dos vídeos do *YouPorn*, categorizando-os em determinados grupos, incluindo aí o “amador”.

O *YouPorn* é um dos três *sites* que compõem o Portal *PornHub*, junto com o *RedTube* e o *Tube8*. Por meio do *site* é permitido aos usuários produzir, comentar, interagir e avaliar conteúdos publicados. É financiado por meio da publicidade que relaciona às páginas uma infinidade de *links* para outros *sites*, como linhas de bate-papo eróticas, ou para redes que possibilitam encontros eróticos em espaços privados. Todos os dias há o *upload* de milhares de novos vídeos, na sua maioria produzidos pelas próprias usuárias, utilizando ferramentas simples de captura e edição de vídeo, como *smartphones*.

Para as análises, emprega-se a análise cultural (MORAES, 2016) como ferramenta para articular elementos dos vídeos vinculados ao contexto social e histórico no qual emergem: o tempo presente. Arregimenta-se abordagens da pornocultura (ATTIMONELLI; SUSCA, 2017) em articulação com a comunicação (PARREIRAS, 2015) para circunscrever a emergência da erotização do corpo feminino articuladas aos estudos sobre envelhecimento (DEBERT, 2010), tomando a exibição e pornificação de si (BALTAR; BARRETO, 2014) como baliza teórica. O objetivo é descrever e analisar culturalmente essa personagem da pornografia, a *milf*, a partir dos vídeos selecionados. No que segue, o texto está dividido em cinco seções: apresentação conceitual do processo cultural do envelhecimento feminino; discussão teórica da pornocultura; seleção de notas teóricas sobre pornificação de si; análise dos vídeos selecionados e, finalmente; conclusão.

### **Mulheres, mães: corpo e envelhecimento**

*Milf* é um dos gêneros pornográficos mais pesquisados nas plataformas pornôns *on-line* segundo o portal canadense de compartilhamento de conteúdos pornográficos *Pornhub*. O Portal anualmente divulga dados produzidos pelo contador estatístico dos vídeos postados e visualizados dos seus *sites* integrantes – entre eles, o *YouPorn*. A mais recente pesquisa<sup>6</sup> mostra que, em 2019, entre as 39 bilhões de buscas pelos mais variados gêneros pornôns disponibilizados na plataforma em todo o mundo, o gênero “*mature*” (“madura”) está em sexto lugar, no qual se encaixam as *milf*. Já entre os termos mais procurados, *milf* ocupa a quarta posição e “*step mom*” (madrasta), a sétima. Nas

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>, acesso em 27 de julho de 2020.

estatísticas brasileiras, a palavra *milf* ocupa o sexto lugar entre as mais usadas para encontrar um conteúdo pornô.

May Friedman (2015) aponta que a difusão do termo *milf* aconteceu no fim da década de 1990, com o filme *American Pie – a primeira vez é inesquecível*, lançado em 1999. A *milf* ficou marcada pela interpretação da atriz Jennifer Coolidge, com a personagem Jeanine Stifler, a atraente mãe de Steve Stifler (personagem vivido pelo ator Seann William Scott), desejada pelos amigos do filho, inclusive se relacionando sexualmente com um deles. Nesse âmbito, a expressão *mother I'd like to fuck* surgiu para se referir às mulheres mães que são sexualmente desejáveis, num contexto de sociabilidade heterossexual ocidental como a “mãe gostosa” que desperta a cobiça sexual de adolescentes do sexo masculino.

Segundo Friedman (2015), a *milf* apresenta um perfil singular de mulher sexualizada e é encontrada tanto em contextos pornográficos, quanto em outros espaços da cultura (jornalismo, literatura, publicidade, música pop) nos quais não está pornograficamente explícita, mas ainda assim aparece num contexto sexualizado e erótico. A autora destaca que, de modo geral, a *milf* se refere à mulher ligeiramente “mais velha”, experiente, que possui algum cuidado com o corpo e de quem se espera significativa proeza sexual. A maioria das *milf* é de mulheres brancas, geralmente de classe média alta e apresentadas em contextos marcadamente heterossexuais (FRIEDMAN, 2015). Na mesma direção, Sarah Vannier, Anna Currie e Lucia O’Sullivan (2014) apontam que as atrizes do gênero *milf* aparecem em vídeos pornográficos como personagens mais propensas a iniciar e controlar o ritmo da atividade sexual e apresentam um *status* profissional mais elevado em relação aos atores masculinos com quem contracenam. Para essas pesquisadoras, em consonância com Friedman (2015), o perfil sexual de mulher “mais velha”, sedutora, que possui independência financeira e atitude na relação sexual caracteriza a *milf* (VANNIER; CURRIE; O’SULLIVAN, 2014).

A esta altura, a locução “mais velha” usada para remeter às *milf* demanda uma abordagem teórica sobre o envelhecimento. Guita Debert (2010) salienta que a juventude se transforma num valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade pela incorporação de determinadas formas de consumo de bens e serviços apropriados. Assim, a juventude não está ligada especificamente a um grupo etário, mas a um estilo de vida,

e a velhice perde a sua acepção cronológica e passa a ser associada a atitudes que negligenciam o corpo ou à falta de motivação para a vida. Há uma disponibilidade variada e constante de técnicas e práticas de renovação do corpo que servem como suporte para encobrir os problemas próprios do envelhecimento, e há um incentivo recorrente para que os sujeitos “corrijam essas falhas” e busquem a juventude como valor (DEBERT, 2010). A autora aponta que ocorreram mudanças sobre os eventuais sentidos da expressão “velhice”, desdobrada hoje em vários outros termos, entre eles “meia idade”, “aposentadoria ativa”, “terceira idade” e “melhor idade”. Destaca que cada uma dessas palavras não representa a velhice como um período de retraimento social e sobriedade: a população “mais velha” é descrita por essas expressões como hábil para satisfação pessoal, retomada de sonhos que foram deixados de lado em outros momentos da vida, exploração de novas formas de autoexpressão e de identidade.

Já Mirela Berger (2012) realizou entrevistas com mulheres “mais velhas”, acima dos 60 anos, sobre temas como a sexualidade, desejo, cuidado de si e envelhecimento. Ela aponta uma mudança de comportamento na contemporaneidade de mulheres “mais velhas”, referente às suas vidas sexuais e cuidados com o corpo: frequentam academias de ginástica, bailes da terceira idade, fazem uso de produtos de *sex shop* e algumas, inclusive, admitem experimentar relacionamentos homossexuais nessa fase da vida. Berger (2012) salienta que essas mulheres estão abertas a conhecer e cuidar de seus corpos e de suas sexualidades. Algumas relatam ter mais “sede de vida” na velhice, vivendo novas paixões, descobrindo mais sobre os prazeres e desejos de seus próprios corpos. Essas mulheres “mais velhas” mostram que o sexo na terceira idade foi uma redescoberta, representando também uma espécie de liberdade para experimentar coisas novas. Após as separações ou viuvez, elas têm se relacionado com homens mais jovens, atendendo às suas fantasias sexuais, que antes não realizavam com seus maridos pela criação católica e certo receio de serem julgadas moralmente.

Abordar as *milf* demanda também tangenciar a maternidade, uma vez que o surgimento do termo esteve, desde o início, relacionado às mães: elas são mães que instigam o desejo sexual – muito embora reconheçamos que a articulação entre maternidade e envelhecimento seja específica da personagem pornográfica *milf*. Neste sentido, Dagmar Meyer (2003) argumenta que há uma redução da noção de mulher às

noções de mãe, como também de cuidadora ideal e qualificada dos membros do núcleo familiar. Sugere que, quando o assunto é a saúde da mulher, este tende a se reduzir à dimensão da saúde do aparelho reprodutor feminino. Meyer (2003) salienta que representações culturais inscrevem no corpo e na “alma” da mulher os sentidos da maternidade, mas que são incapazes de fixar um conjunto definitivo e homogêneo sobre ser mãe, produzindo diferentes marcas e sentidos de maternidade nas mulheres.

Assim, caracterizando as *milf* como mulheres-mães, podemos sugerir que seu surgimento indica um deslocamento dos sentidos do envelhecimento frente à juventude, bem como ressignificam a velhice como momento de vida propício para a experimentação corporal e sexual. Ainda, sua aparição na cultura midiática sugere que a própria maternidade é investida de novos sentidos na contemporaneidade.

### **Comunicação e pornografia**

Para analisar as formas como as atrizes dos filmes selecionados se apresentam, é imprescindível pensar os aspectos históricos e culturais da pornografia. O pornográfico hoje está presente de forma massiva na internet. Contudo, Claudia Attimonelli e Vincenzo Susca (2017) apontam que as diferentes ofertas que envolvem sexo, sexualidade, erotismo vão além da pornografia como apenas um nicho de oferta midiática *on-line* e a colocam como um eixo simbólico do nosso tempo e contexto ocidental: é a pornocultura contemporânea. Attimonelli e Susca (2017) propõem uma espécie de “pornificação” do cotidiano em que a intimidade e a visibilidade compartilhadas na internet compõem um jogo de reversibilidade constante, alterando as noções de privado-público, pessoal-coletivo. Nesse sentido, *sites* como *YouPorn*, *Xtube* e *PornTube*, em parte constituídos de conteúdos produzidos pelas usuárias, dão consistência ao vínculo cada vez mais forte entre pornografia, mídias digitais e as realidades das usuárias das redes.

Nessa direção, Carolina Parreiras (2015) destaca que é notável o modo como o desenvolvimento das manifestações pornográficas esteve associado ao surgimento ou à adoção de novas tecnologias. O cinema, que exibia filmes pornográficos em suas grandes telas, foi rapidamente substituído pelo videocassete entre as décadas de 1970 e 1980, permitindo ao pornô entrar de forma massiva nos ambientes privados de seus consumidores (ABREU, 1996; DÍAZ-BENÍTEZ, 2009). Por sua vez, o videocassete foi

substituído pelo DVD, que oferecia mais qualidade nas imagens e um produto mais compacto – além de discreto, a ser consumido no espaço privado. No Brasil, esse tipo de mídia repercutiu a partir dos anos 2000. Maria Elvira Diaz Benítez (2009) e Nuno Abreu (1996) apontam, desde diferentes perspectivas, que o videocassete contribuiu para a ampliação do consumo cotidiano da pornografia. Porém, nem o videocassete nem o DVD, tampouco o cinema, transformaram tão dramaticamente o consumo pornográfico quanto a internet.

A internet rapidamente se sobrepôs ao cinema, ao videocassete e ao DVD como a forma mais acessível de propagar e consumir conteúdo pornográfico, como mostra Carolina Parreiras (2015). O *cyberporn*, ou seja, qualquer material pornográfico que possa ser acessado no espaço cibernético, foi uma das primeiras atividades relacionadas com a *web*, mesmo que de forma mais reduzida, como determinados *sites*, trocas de imagens eróticas, salas de bate-papo. Nesse sentido, Bilton (2010 *apud* PARREIRAS, 2015) argumenta que a indústria pornográfica foi a pioneira na experimentação de novas tecnologias. Parreiras, citando o autor, sugere que a pornografia é uma espécie de *test drive* das novas mídias e que essa situação fica ainda mais evidente quando se trata de internet. A pornografia aproveitou-se ao máximo das possibilidades decorrentes das transformações tecnológicas da internet, possibilitando novas configurações de comunidades e formação de redes que implicaram, parcialmente, na reconfiguração da díade consumidor – produtor, como aponta Parreiras (2015).

A nova fronteira do pornô se configura pelo caráter (intencional ou não) de tensionamento da pornografia tradicional produzida pela indústria. Diante da abrangência e consumo dos conteúdos pornográficos, Erica Sarmet (2015, p. 62) aponta para o discurso moralista da pornografia tradicional, cujos valores estão preservados por normas que governam “o que é sexo e como ele deve ser feito”, conformando gênero, sexualidade, etnia e todas as outras possibilidades que envolvem a imagem do corpo. A pornografia industrial se direciona para a divisão binária dos gêneros, polarizando ativo e passivo, hiperdramatizando o som do gozo feminino, superiluminando os órgãos sexuais, explicitando quais são os corpos socialmente aceitos como eróticos, excitáveis, consumíveis, atuando na própria estética da prática sexual (SARMET, 2015).

Por sua vez, Parreiras (2015) observou o rápido crescimento e segmentação do mercado pornô *on-line*. Argumenta que é importante diferenciar os conteúdos pornográficos que estão disponíveis na internet: o *porn on the net* e o *netporn*. Entende-se o *porn on the net* como uma reciclagem dos conteúdos pornográficos como vídeos, textos e imagens e sua alocação em determinados *sites*, não sendo a sua produção direcionada visando a internet como suporte específico. São produções cujas marcas características são “a estandardização, a separação clara entre produtores e consumidores e uma lógica marcada por um padrão de corpos, desejos e atos sexuais” (PARREIRAS, 2015, p. 137-138).

Parreiras (2015) descreve *netporn* como um conteúdo que se diferencia por criar uma estética pornográfica própria da internet, como o conteúdo amador sem montagem e despreocupado com enredo, o que acaba por tensionar algumas fronteiras em relação às narrativas audiovisuais da pornografia industrial. É uma pornografia produzida visando a internet e que, muitas vezes, se choca com os limites da indústria pornográfica, pois no *netporn* há o borramento das fronteiras entre produtores e consumidores, tentativa de ressignificação dos corpos, sexualidade, práticas sexuais – principalmente em produções de referencial *queer* e não-normativo. O *netporn* se caracteriza por produções que correspondem a uma estética amadora, integrando a pornografia de um modo mais independente e, a reboque, com estéticas alternativas – algo diferente da simples transposição do material produzido pela indústria pornô para o acesso *on-line* (PARREIRAS, 2015).

### **Você, pornógrafa! Pornificações de si**

Niels Van Doorn (2010) lista três aspectos presentes na mídia e sociedade contemporânea que constituem a análise do hiperconsumo e produção de conteúdo pornográfico, como acontece no *YouPorn*. O primeiro diz respeito à “sexualização da cultura”, conforme Feona Attwood (2006), em que cinema, publicidade e design flertam com a estilística da pornografia, tendo ampla adesão na última década de aspectos desse estilo em diversas peças midiáticas, seja em filmes, anúncios, artigos de moda, novelas, videoclipes etc. O segundo destaca a obsessão com o mundano e a vida cotidiana das “pessoas comuns”, em convergência com Paula Sibilia (2016), fato que concerne também

à aceitação e prestígio dos programas *reality shows*, a valorização das experiências “reais” que integram a cultura do “show da realidade”, que estimula os indivíduos a divulgarem sua vida pessoal e “real”, incluindo também a vida íntima sexual. Por último, o importante crescimento e desenvolvimento das tecnologias da comunicação, principalmente a então chamada *Web. 2.0*, da cultura participativa, em que há uma superexposição da intimidade, a partir da máxima *broadcast yourself*: “transmita-se” (SIBILIA, 2016), seja nas redes sociais *on-line* ou nas variadas ferramentas na internet (VAN DOORN, 2010). Van Doorn (2010) destaca que os três aspectos listados se articulam, sobretudo, em *sites* pornográficos de conteúdo autogerado, como é o caso do *YouPorn*.

Mariana Baltar e Nayara Barreto (2014) salientam que o pornô amador, produzido e compartilhado por pessoas “comuns” – supostamente “reais” – está cada vez mais ganhando centralidade na pornografia contemporânea, em que os próprios usuários produzem e disponibilizam seus conteúdos pornográficos na *web*. Para as autoras, a pornografia amadora articula “as ideias de pornificação de si, empoderamento, prazer e consumo” (BALTAR; BARRETO, 2014, p. 265). A pornificação de si pode ser a reivindicação do desejo como direito. As produções pornográficas industriais formatam corpos desejáveis, excitáveis e sensuais; os corpos pornográficos são enrijecidos na norma de um padrão específico de beleza, que reitera a heterossexualidade, os corpos de pele branca, lisa, musculatura definida, sem gordura. Pornificar-se, em outra direção, caracteriza um direito político de se fazer visível, de ser desejável, unindo política, sexualidade e desejo num espaço que permite a diversidade de corpos desejáveis, corpos pornográficos (BALTAR; BARRETO, 2014)<sup>7</sup>.

A ideia de pornificação de si, de se fazer visível, desejável, levanta outro aspecto no qual as produções pornográficas amadoras estão assentadas: a alocação da sexualidade em uma permanente visibilidade, em que a vida sexual é compartilhada com diversas pessoas na rede por meio de vídeos. Pessoas “comuns”, que não participam da indústria pornográfica, estão cada vez mais optando por compartilhar, por meio de registros imagéticos, suas práticas sexuais.

---

<sup>7</sup> Embora não seja nossa intenção tocar na contenda, assinala-se que essa perspectiva tensiona com alguns discursos feministas, que envolvem a controversa ideia de que todo tipo de pornografia envolvendo o corpo feminino é considerada uma forma de objetificação.

Pelo menos dois pontos merecem destaque nesse aspecto da pornificação de si. O primeiro diz respeito às considerações de Sibilia (2016), quando aponta que na virada do século XXI no Ocidente, graças também à internet, a explícita vontade de tornar elementos até então considerados de ordem íntima em manifestações públicas na rede mundial de computadores se aprofundou consideravelmente. A autora destaca que a palavra “íntimo” era outrora usada para nomear arquivos pessoais, diários, afetos e ações que só podiam acontecer no espaço privado, protegidos dos olhares alheios e estranhos; porém, os usos das possibilidades de comunicação da internet davam indícios de que importantes mudanças estavam ocorrendo na relação público-privado: certos usos da exposição de si em redes sociais *on-line* podem ser caracterizados por meio do neologismo extimidade, apontando para uma forma cultural particular entrelaçada à tecnologia (SIBILIA, 2016).

O segundo ponto diz respeito à própria distinção entre o “amador” e o “profissional/industrial” no que tange às produções pornográficas. Embora não seja o objetivo deste artigo investir nessa distinção, apoiamo-nos em Sibilia (2015, p. 355) para sustentar que a vida das pessoas em geral vem se tornando midiaticamente performática, realizando-se em imagens: “ganha consistência ao se produzir com a ajuda de códigos midiáticos e ao se plasmar nas telas que se multiplicam em toda parte” – o que nos permite chamar de “atrizes” as mulheres protagonistas dos vídeos analisados, mesmo que não estejam vinculadas à indústria pornográfica. Assim, a categoria “amador”, na qual estão classificados os vídeos pornográficos aqui analisados, é mais uma linguagem contemporânea, compartilhada, de produção e consumo de imagens pornográficas do que propriamente uma categoria estanque, oposta à profissionalização ou industrialização. Isso porque a convocação midiática à performance da vida em imagens é efeito de transformações culturais mais amplas, atuando como balizadoras dos conteúdos publicados em redes *on-line*, nas quais não basta ser alguém ou fazer algo: “Além disso, o tempo todo, é preciso *performar*: mostrar-se fazendo o que for e ser alguém. E, é claro, também é necessário ser *visto* nessa exibição” (SIBILIA, 2015, p. 358, grifos da autora).

As importantes mudanças históricas e culturais ocorridas em conjunto com o espraiamento do uso da internet, abordadas por Van Doorn (2010), Baltar e Barreto (2014) e Sibilia (2016; 2015), indicam que na contemporaneidade o fluxo de exposição e

visibilidade pode ser articulado à pornocultura, proposta por Attimonelli e Susca (2017). As importantes mudanças tecnológicas que marcam nosso tempo, como a então Web 2.0, têm oferecido outras formas de consumir e produzir conteúdos pornográficos.

### Análises: mais perto da *milf*

O critério de seleção dos vídeos analisados foi estabelecido a partir da sua classificação nas categorias “*amateur*” e “*milf*” no *YouPorn*, selecionando materiais que apresentavam no título indícios evidentes de que suas narrativas apresentassem ensinamentos da *milf* sobre práticas sexuais. Assim, conforme mencionado na Introdução, foram selecionados aqueles vídeos que apresentavam algum elemento explicitamente pedagógico em suas narrativas, como a palavra “*teach*” presente em seus títulos. Os três vídeos têm atrizes do perfil *milf*: mulheres “mais velhas”, que compartilham a sua experiência sexual ensinando lições sobre sexo. Procedeu-se à análise cultural (MORAES, 2016) das imagens e diálogos relacionando-as às teorizações sobre corpo, envelhecimento e maternidade. Os vídeos selecionados para as análises estão relacionados na Tabela 1, abaixo, contendo o título, data da postagem, número de visualizações, e duração em minutos.

**Tabela 1 - Dados dos vídeos**

	<b>Título do vídeo</b>	<b>Link</b>	<b>Data da postagem</b>	<b>Número de visualizações</b>	<b>Duração</b>
<b>Vídeo 1</b>	<i>Son Asks Step Mom To Teach Him How To Fuck</i>	<a href="https://www.youporn.com/watch/12824985/son-asks-step-mom-to-teach-him-how-to-fuck/">https://www.youporn.com/watch/12824985/son-asks-step-mom-to-teach-him-how-to-fuck/</a>	18/06/2016	465.800	14'00"
<b>Vídeo 2</b>	<i>Mom Teaches Student Sex Lesson</i>	<a href="https://www.youporn.com/watch/12153389/mom-teaches-student-sex-lesson/">https://www.youporn.com/watch/12153389/mom-teaches-student-sex-lesson/</a>	26/10/2015	184.000	07'00"
<b>Vídeo 3</b>	<i>Teacher Craves Cum - milf teacher pov handjob &amp; oral creampie</i>	<a href="https://www.youporn.com/watch/14375455/teacher-craves-cum-milf-teacher-pov-handjob-oral-creampie/">https://www.youporn.com/watch/14375455/teacher-craves-cum-milf-teacher-pov-handjob-oral-creampie/</a>	20/02/2018	131.100	10'41"

Fonte: as autoras.

Os vídeos 1 e 2 pertencem ao canal *Wicked Sexy Melanie*<sup>8</sup> e têm a mesma atriz como protagonista. O vídeo 3 pertence ao canal *Mrs Mischief*<sup>9</sup>. Por disporem de canais próprios no *YouPorn*, é possível sustentar, com base em Sibilía (2015; 2016), que essas mulheres são atrizes porque atuam nos vídeos de modo a se fazerem protagonistas de suas performances pornográficas, cujas produções empregam elementos estéticos considerados “amadores” pelos seus consumidores. Portanto, seus vídeos acionam uma estética do cotidiano compartilhada pela comunidade de consumidores. Ambas as atrizes são mulheres brancas e reforçam alguns padrões estéticos de feminilidade sobre os corpos femininos. São mulheres magras, depiladas, maquiadas e possuem intervenções cirúrgicas como prótese de silicone nos seios. Em especial, a atriz dos vídeos 1 e 2 apresenta algumas mudanças corporais significativas de um vídeo para o outro, sendo uma delas o aumento das mamas pela colocação de prótese de silicone. Remetemos às colocações de Debert (2010) acerca dos investimentos contemporâneos nos corpos envelhecidos, tais que podem apagar ou amenizar as marcas da idade. Esses investimentos, como a colocação de próteses de silicone, podem significar a tentativa de adesão a certa “juventude”. Entretanto, apostamos em outro aspecto: salientamos que essas intervenções corporais podem ser uma característica da própria visibilidade dos corpos das atrizes, que mantêm canais no *YouPorn* e que aderem à valorização dessa parte do corpo em especial: as mamas. Portanto, essas atrizes não são tão explicitamente “velhas” no que diz respeito às suas formas corporais. Elas narram-se como tais, principalmente nas suas performances.

As narrativas dos vídeos 1 e 2 exploram a experiência sexual da personagem *milf* nas produções amadoras. Neles, a personagem *milf* aparece como uma mulher capacitada a ensinar homens “mais novos” sobre relação sexual, prazer e corpo feminino. Em ambos, as cenas acontecem em espaços privados, e a atriz fala diretamente para a câmera; é um homem quem segura a câmera, é a ele que a atriz se dirige como um “aprendiz” e é com ele que pratica sexo. Nos primeiros minutos do vídeo 1, a atriz destaca

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.youporn.com/channel/882541091/wicked-sexy-melanie/>, acesso em 31 de julho de 2020.

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.youporn.com/uservids/8745841/ph-mrsmischief/>, acesso em 31 de julho de 2020.

que a mulher mais velha terá a experiência que ele precisa; evidencia “alguns lugares que são muito gostosos” para tocar nos corpos das mulheres; cita os braços, axilas e mamilos, dizendo que são partes do corpo “muito sensíveis, cheias de nervos” e que “alisar ou às vezes até lambar pode ser muito erótico [...] especialmente numa mulher velha, que provavelmente amamentou bebês antes”. Ela toca seu órgão genital enquanto é filmada, mostrando seu corpo e explicando sobre sua anatomia, sobre onde e como um homem deve tocar o corpo de uma mulher para que ela sinta prazer.

Já no vídeo 2, nos primeiros minutos, a atriz também se dispõe a ensinar práticas sobre sexo a um ator “estudante”. Na sua fala, a atriz destaca que é uma “mulher” e não uma “garota”, e por esse motivo seria mais “desenvolvida” e se vestiria de uma maneira diferente das mulheres “mais novas”. Ela salienta “coisas que uma mulher tem que fazer quando um homem não está por perto”, mostrando um vibrador e como uma mulher poderia se masturbar. A partir dos 2’, a atriz e o homem que segura a câmera começam a praticar sexo. Nos vídeos 1 e 2, depois de fazer a apresentação de seu corpo, a atriz e os atores praticam sexo, e o final é marcado pelo gozo dos homens. Ainda, pelo fato de o homem segurar a câmera, as imagens são tremidas e o enquadramento, foco e iluminação não são característicos da indústria pornô.

As falas da atriz dos vídeos 1 e 2, quando relata os prazeres de tocar os mamilos de uma mulher, especialmente se for “mais velha” e se passou pela experiência da amamentação, colocam em disputa a sexualidade das mulheres-mães. Como já discutido a partir de Meyer (2003), há uma redução da noção de mulher à de mãe. A autora destaca que os diferentes discursos investem na ideia de que cuidar dos filhos é uma tarefa primordial quando se é mãe e que o corpo materno tem como prioridade estar mais preparado para gestar, parir e amamentar um outro ser. Isto é, reduz-se a mulher à mãe, esta última como um corpo sem desejo, unicamente circunscrito ao cuidado da prole. Nesse sentido, a fala da atriz *milf* coloca em disputa alguns sentidos, sugerindo que a mulher que passa pela maternidade não deixa de ter desejos, fantasias, prazeres sexuais em e a partir de seu corpo; ela afirma que a mulher-mãe não necessariamente deve ser “assexuada”. Pelo contrário: é precisamente por ter sido mãe que ela se torna agente de suas práticas sexuais. Portanto, pelas narrativas dos vídeos, é possível inferir que as

atrizes *milf* encarnam personagens que têm iniciativa sexual, experimentam seus corpos e conquistam os homens ativamente.

No vídeo 3, a atriz representa uma professora em sala de aula, explorando a relação entre um ator “aluno” inexperiente e tímido e sua “professora” *milf*. Diversos vídeos do canal *Mrs Mischief* são gravados em um quarto. A construção do ambiente, de acordo com a temática de cada vídeo, é feita através de alguns elementos aparentemente improvisados: especialmente o vídeo 3 representa o ambiente da sala de aula mostrando alguns objetos alusivos ao contexto escolar, como uma classe, cadeira, quadro, cartazes com o alfabeto escritos à mão. Nos primeiros segundos do vídeo, o ator que segura a câmera diz que a cena pode começar, que já está gravando – indicando uma estratégica falta de edição e montagem audiovisual que associa a produção à estética amadora. A atriz não aparece nua em nenhum momento, não usa roupas sensuais ou *lingeries*. Seus trajes enfatizam certa discrição e seriedade, algo culturalmente atrelado à representação da professora. Ela é mulher “mais velha”, tem o cabelo bem curto e algumas rugas no rosto, principalmente na região dos olhos. Veste uma saia até a altura dos joelhos, usando um sapato de salto médio, com uma blusa branca de manga comprida levemente decotada. A narrativa do vídeo 3 explora a experiência sexual da atriz *milf* enquanto uma professora disposta a ensinar os conteúdos iniciais no tema da sexualidade para seu aluno homem, como a perda da timidez incentivada pela experiência de uma mulher apta a ensiná-lo. A atriz pratica sexo oral no ator que segura a câmera enquanto filma as cenas, e o vídeo também termina com o gozo masculino. A não ser nos segundos iniciais, o ator permanece calado até o fim da produção.

Nos três vídeos estão presentes práticas sexuais explícitas que remetem a certo roteiro das produções audiovisuais da indústria pornográfica, nas quais o prazer feminino está diretamente ligado à penetração vaginal e ao gozo masculino. Contudo, nos vídeos 1 e 2 há alguns elementos que escapam a essa padronização de práticas sexuais ao apresentarem em imagens outras opções na relação sexual. A primeira delas é que a atriz, naqueles vídeos, fala sobre aspectos que envolvem a excitação e o prazer da mulher: o corpo da mulher é o protagonista das cenas pornográficas. Em sua fala, algumas regiões corporais são ressaltadas como interessantes para serem tocadas visando excitar as mulheres, como os braços, as axilas, o pescoço. Já a atriz do vídeo 3 aparece totalmente

vestida, o que também é um deslocamento em relação às produções pornográficas industriais, marcadas pela superexposição dos corpos nus.

Conforme destaca Sarmet (2015), o pênis e o prazer dos homens são protagonistas na maioria dessas narrativas pornográficas, e essa característica é verificável no material analisado. A autora ainda destaca que uma das novidades de produções alternativas à pornografia tradicional é o enquadramento de partes do corpo diferentes daquelas necessariamente sexualizadas pela pornografia industrial, o que resulta em outras formas de representar o corpo durante o sexo. Assim, é possível dizer que os três vídeos exploram o corpo da mulher “mais velha” não apenas por meio de imagens explícitas de seus corpos nus ou de suas práticas sexuais, mas, sobretudo, por meio de falas das atrizes sobre seu prazer e suas fantasias.

As atrizes que incorporam as personagens *milf* nos vídeos selecionados demonstram elementos importantes sobre a pornificação dos seus corpos. Elas escapam e, simultaneamente, reforçam padrões corporais sustentados pela indústria pornô sobre os corpos de desejo. São atravessadas pela juventude enquanto valor, por estarem ativas sexualmente, exercerem algum tipo de cuidado com o corpo, participarem da sociabilidade digital. Por outro lado, as personagens *milf* encenam um comportamento sexual ativo que demonstra a maturidade de uma mulher desenvolta com o envelhecimento do corpo. Uma das recorrências nas falas das atrizes *milf* nos vídeos é a ênfase na maturidade como um diferencial em relação às outras mulheres “mais novas”, entendidas como menos experientes. Essas mulheres *milf* se pornificam, isto é, se fazem personagens de narrativas pornô muito mais pelos seus relatos sobre sua vivência e sobre as sensações de seus corpos e menos pela hiperexposição explícita pornográfica. Esse aspecto, presente nos três vídeos analisados, se articula às considerações de Berger (2012) acerca da vivência da velhice como tempo de experimentações até então recusadas pelas mulheres. Trata-se de um lugar, ocupado por uma mulher “mais velha” em relação ao ator com quem contracena, de sapiência e experiência sexuais sem que seja preciso mostrá-la nua.

Os três vídeos analisados podem não ser totalmente *netporn*, transgressores em relação à pornografia *mainstream*, como define Parreiras (2015). No entanto, é interessante salientar que tampouco são materiais de estúdios pornôs simplesmente

postados em plataformas como o *YouPorn*. Mesmo que não possamos afirmar que as atrizes são amadoras, suas produções empregam uma linguagem audiovisual particular que remete às características do que é considerado “amador”, principalmente pela comunidade que consome os vídeos. Isto é: são vídeos de “mulheres *milf* comuns” não exatamente porque suas atrizes o são, mas porque a comunidade de usuários do *YouPorn* assim os entendem e os classificam. Na pornocultura do presente, conforme indicam Attimonelli e Susca (2017), a linguagem pornô oferece um conjunto de elementos que permitem alocar as produções na categoria “amador”: qualidade da imagem, atuações, enquadramentos, iluminação, edição, montagem. Algo semelhante pode ser dito sobre a definição de *milf*: não são informadas as idades cronológicas das atrizes; sua condição de mulher-mãe-“mais velha” é construída pelo seu entorno, pelos relatos dados pelas atrizes e, sobretudo, pela relação que estabelecem os atores com quem contracenam.

Por fim, é importante sinalizar que não se pode ver integralmente os atores com quem as atrizes *milf* contracenam. Seus corpos aparecem recortados, aos pedaços, e sua presença em cena é condensada na imagem de seus pênis. Pouco se ouve das vozes dos atores nos vídeos. Entretanto, o fato de seus corpos pouco aparecem no quadro e suas vozes não serem audíveis não implica um deslocamento da centralidade masculina nessas narrativas audiovisuais. São os homens que seguram as câmeras, e os vídeos são registros do seu “ponto de vista”, literalmente. Os vídeos terminam, sempre, com o gozo deles. As mulheres aparecem tal como eles as veem: sábias, experientes, conquistadoras, com iniciativa sexual; elas explanam como querem ser tocadas e explicam como sentem prazer se dirigindo aos homens, dando a eles instruções sobre sua performance sexual. Assim, a emergência da *milf* como personagem da pornocultura se faz no e por meio do olhar masculino, no exercício da heterossexualidade.

### **“Panela velha é que faz comida boa” – Notas finais**

Este artigo teve como objetivo descrever e analisar culturalmente a *milf* como personagem da pornocultura a partir de três vídeos buscados na plataforma *YouPorn* por meio das palavras “*milf*” e “*amateur*”, selecionados aqueles que apresentavam algum elemento explicitamente pedagógico em suas narrativas, como a palavra “*teach*” em seu título. Procedeu-se à análise cultural como ferramenta para articular elementos dos vídeos

vinculados à maternidade, geração e envelhecimento enquanto marcas corporais e pornográficas dessa personagem particular: a *milf*.

Nas narrativas audiovisuais dos três vídeos aparecem importantes elementos da erotização da mulher-mãe-“mais velha”, sinalizando para alguns deslocamentos relativos às feminilidades, à maternidade e à velhice na contemporaneidade. Nos vídeos, as mulheres *milf* são valorizadas pela sua experiência sexual, dando informações sobre seus corpos e seus desejos sexuais. A experiência da maternidade é marca constitutiva da sua maturidade. A mulher *milf* aparece como uma personagem que é agente de seu prazer, relatando seu envelhecimento como acúmulo de vivências que a tornam sábia. Esses deslocamentos se devem, em parte, às transformações trazidas pela internet e suas redes, principalmente na possibilidade de produção e compartilhamento de conteúdo pornográfico.

Entretanto, identificamos alguns elementos que talvez relativizem o lugar autônomo da *milf*. Enquanto personagem pornô, a *milf* se forja no interior da fantasia heterossexual masculina, e dentro dela funciona como representação de mulher madura e experiente. A personagem sexualmente sábia e proativa não se constrói *per se*, mas sempre pelo registro audiovisual do homem heterossexual – a quem todas as atrizes se dirigem. Além disso, não é possível desvincular totalmente as produções aqui analisadas da indústria pornográfica tradicional. Isso porque a categoria “amador”, um dos recortes para a seleção dos vídeos, pode ser parte de performance constitutiva da contemporaneidade que adota códigos midiáticos para exibir-se em redes sociais *on-line*.

Ao intitular a seção final deste artigo com um verso da canção “Panela velha”, composta por Celmar Gomes de Moraes e enraizada na cultura popular brasileira por Sérgio Reis, indicamos que a erotização masculina, heterossexual, da mulher “mais velha” não é tão recente e tampouco se manifestou primeiramente na cultura estadunidense. Diz a letra da canção brasileira que “a bonitona já tem mais de trinta anos / é madura / não me interessa se ela é coroa / panela velha é que faz comida boa”. Mais precisamente, sugerimos que a personagem mulher, mãe, “mais velha” e “amadora”, tal como as *milf*, é uma justaposição particular de elementos mais amplos culturalmente, ligados às feminilidades e à heterossexualidade, articulados provisoriamente no interior da pornocultura midiática.

## Referências

- ABREU, Nuno C. **O olhar pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ATTIMONELLI, Claudia. SUSCA, Vincenzo. **Pornocultura: viagem ao fundo da carne.** Porto Alegre: Sulina, 2017.
- ATTWOOD, Feona. Sexed up: Theorizing the sexualization of culture. **Sexualities**, v. 9, n. 1, pp. 77–95, 2006.
- BALTAR, Mariana. BARRETO, Nayara M. C. As pornificações de si em Diário da putaria. **Crítica Cultural**, v. 9, n. 2, p. 265-275, 2014.
- BERGER, Mirella. Amor sem sexo é amizade, sexo sem amor é vontade: vida sexual na terceira idade. **Revista Kairós**, v. 15, n. 4, pp. 127-154 2012.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, v.16, n. 34, pp. 49-70, 2010.
- DÍAZ BENÍTEZ, Maria Elvira. E. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DOORN, Niels Van. Keeping it Real: User-Generated Pornography, Gender Reification, and Visual Pleasure. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 16, n. 4, pp. 411–430, 2010.
- FRIEDMAN, May. Unpacking MILF: Exploring motherhood, sexuality and feminism. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture and Social Justice**, v. 3, n. 2, pp. 49-60. 2015.
- MEYER, Dagmar E. E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**, v. 9, n. 3, pp. 38-52, 2003.
- MORAES, Ana Luiza C. Análise cultural: um método de procedimentos em pesquisa. **Questões transversais – Revista de Epistemologias em Comunicação**, v. 4, n. 7, pp. 28-36, 2016.
- PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online.** 2015. 267 f. Tese. Doutorado em Ciências Sociais - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2015.
- PORNHUB. PORNHUB’S 2019 Year in Review. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- SARMET, Erica R. **“Sin porno no hay posporno”:** corpo, excesso e ambivalência na América Latina. 2015. 133 f. Dissertação. Mestrado em Comunicação Social - Instituto de Arte e Comunicação Social - Universidade Federal de Fluminense, Rio de Janeiro. 2015.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu – a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SIBILIA, Paula. Autenticidade e *performance*: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 17, n. 3, pp. 353-364. 2015.

VANNIER, Sarah. CURRIE, Anne. B. O’SULLIVAN, Lucia F. School girls and soccer moms: A content analysis of free “teen” and “MILF” online pornography. **Journal of Sex Research**, v. 52, n. 3, pp. 253-264. 2014.

ZAGO, Luiz Felipe. ATOLINI, Thanise Guerini. Pedagogias da sexualidade na pornocultura: notas sobre as  *milfs* . **Interfaces Científicas – Educação**, v. 8, pp. 83-97, 2020.